

Lembranças de Eni

Madalena Marques Dias

Faculdade Sumaré

Vanessa dos Santos Bodstein Bivar

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

“Estudar a História requer o conhecimento prévio de que com esse estudo se almeja algo impossível de se atingir, e todavia necessário e importantíssimo. Estudar História significa entregar-se ao caos, conservando a crença na ordem e no sentido” (Hermann Hesse – *O Jogo das Contas de Vidro*)¹

Buscamos aqui realizar uma homenagem à professora Eni de Mesquita Samara, falecida em agosto de 2012. Ela já foi homenageada por seus colegas professores em uma série de três artigos publicados pela *Revista do Departamento de História*². Nosso escrito segue em outra direção, buscando trazer aos leitores um apanhado de memórias de nossa mestra a partir de nosso ponto de vista, como suas ex-orientandas.

Quando a conhecemos, era diretora do Centro de Estudos de Demografia Histórica da América Latina (CEDHAL/USP), cargo que exerceu de 1994 a 2004. A ampla mesa de reuniões do salão era então o local das orientações individuais e reuniões de orientandos, assim como de algumas disciplinas que Eni ministrou junto à pós-graduação.

O CEDHAL era sua morada intelectual e uma das frentes principais pela qual mostrava o seu lado de pesquisadora. A idéia era transformá-lo em um centro de excelência, onde o público poderia pesquisar em uma série de fontes primárias devidamente acondicionadas e catalogadas. Todos os documentos que estudou ao longo da vida e conseguiu reproduzir foram doados. Recenseamentos, inventários, processos-crime e testamentos são apenas pequena amostra da diversidade que ali se pode encontrar. Da mesma forma, preservou as fontes deixadas pela também professora da USP Maria Luiza Marcílio – em especial no que compete à cidade de Ubatuba e a questões sobre a infância-, ademais de um conjunto de livros, separatas, periódicos e iconografias. Aliás, uma das que

mais tinha apreço era esta, de Rugendas, intitulada *Costumes de Rio de Janeiro*, em que dois “enamorados”, como costumava nos contar, se encontravam em meio a olhares atentos de uma senhora cuja gravura sugere alcovitar o casal. Família e mulheres eram temas pilares de sua paixão pela pesquisa. Em sua abordagem, buscava desvendar e compreender a distância entre o universo discursivo, extremamente rígido, e as práticas cotidianas, muitas vezes “desviantes”.



Fonte: <http://museuvirtualpintoresdorio.arteblog.com.br/17693/RUGENDAS-COSTUMES-DO-RIO-DE-JANEIRO>. Acesso: 04/Março/2013.

Logo, com o intuito de abrir as portas do CEDHAL aos pesquisadores, Eni se dedicou com afinco à elaboração de projeto, muito bem consubstanciado, para a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. E quais foram sua alegria e entusiasmo ao vê-lo aprovado. Ela mesma idealizou a nova estrutura do Centro, desde a sua divisão em salas, a climatização e até o arquivo deslizante onde ficou a maior parte dos materiais. Perfeccionista em vários âmbitos, mas principalmente na organização de móveis e papéis

ao seu redor, ela decorou cada canto daquele espaço. De fato, criou um ambiente agradável ao seu dia-a-dia e àqueles que o frequentavam.

Característica marcante ainda era a vivacidade que queria imprimir ao Centro. Eni sempre mantinha bolsas de iniciação científica. Incentivava os jovens da graduação a pesquisar e continuar na vida acadêmica, enveredando para o mestrado e doutorado. E, assim, ao longo dos anos formou vários alunos que hoje compõem os quadros de diversas universidades brasileiras. Tal vivacidade também se verificava com a movimentação de pessoas para palestras, seminários, congressos e a abertura de espaço para publicações com a Revista População e Família.

Entre 2003 e 2007, parte das reuniões foi transferida para o aristocrático salão do Museu Paulista – do qual se tornou diretora – com uma bela vista para a trilha de Mata Atlântica nos fundos do parque da Independência. Lá, Eni nos contou sobre como conseguira adquirir a biblioteca do recém-falecido professor Edgar Carone - discutia-se, no momento, se os livros deveriam seguir para o Museu da Convenção Republicana de Itu, parte do complexo do Museu Paulista, ou se permaneceriam na biblioteca do edifício do bairro do Ipiranga. Ela também nos mostrou como pensava em adequar o Museu a públicos variados, e como era difícil conciliar tantas frentes de trabalho ao mesmo tempo, uma vez que dava aulas na graduação, e orientava cerca de dez alunos entre a iniciação científica e a pós-graduação. Pedira para transferir uma estátua de Palas Atena do subsolo para o salão que ocupava: dava-se ao gosto de observá-la todas as tardes em que despachava papéis.

Sua trajetória na Universidade de São Paulo começou em 1971, quando atuou brevemente como instrutora voluntária no Departamento de História, ao mesmo tempo em que realizava seu mestrado sob a orientação da professora Maria Thereza Schorer Petrone. Para este Departamento retornou em 1977, já concursada, e doutoranda. O tema de seu mestrado foi o papel dos agregados na região de Itu na transição do século XVIII para o XIX³. No doutorado, conservando corte temporal similar, mudou seu foco de reflexão para as mulheres. Se antes inquirira a respeito do papel econômico desempenhado por indivíduos pobres, e até então pouco interessantes à historiografia, naquele momento passava a pensar o papel desempenhado pelas mulheres na economia familiar. Esse assunto também era de interesse recente na historiografia dos anos 1970. As humanidades fervilhavam. Em Paris, o grupo de Michel Foucault e Michele Perrot discutia o sistema prisional, coisa inédita, e Perrot abria seu campo de reflexão do operariado para as mulheres. Sob os auspícios dos métodos quantitativos, os quais permitiam a análise de

amplos *corpus documentais* antes pouco utilizados, historiadores de vários países buscavam compreender a sociedade a partir de grupos marginalizados do poder e da vida econômica dita “oficial”. Eni, atenta às inovações, desviava o olhar dos “protagonistas” da História para outros personagens. Que poderes teriam as mulheres na sociedade paulista de inícios do século XIX, uma vez impedidas de participar das decisões da vida pública? Como elas se articulavam com a vida econômica de então?⁴ Da mesma forma, se perguntara antes: qual a importância dos agregados, marginais do sistema escravista, para a pujança da produção açucareira ituana?

Pensar as mulheres naquele momento não se devia somente às influências que já pontuamos, tratava-se também de compreender e repensar o seu próprio papel na sociedade de então. 1980, ano da defesa de seu doutorado, em que investigou os poderes femininos em família, também foi o momento em que a “Malu Mulher”, veiculada pela Rede Globo desde 1979, atraía os maiores índices de audiência. A Malu interpretada por Regina Duarte já passara por um doloroso processo de separação conjugal e conseguira um emprego. Agora se acomodava em uma nova ordem com a filha adolescente, reiniciando sua vida amorosa. Nunca antes uma estória que abordava problemas familiares e luta pela sobrevivência tendo uma mulher como protagonista fora objeto de novela ou série televisiva. O divórcio com direito a recasamento era conquista recente e as mulheres brasileiras ainda não eram equiparadas aos homens na legislação, o que só ocorreria em 2003, com o novo Código Civil. Eni viveu as questões femininas e familiares do momento de forma aguda. Mãe de duas crianças – Dudu e Lívia-, casada com Eduardo, seu companheiro de toda a vida, dividia-se entre a docência, a pesquisa, e a família, não sem culpas, realidade que todas as mães que trabalham e estudam conhecem muito bem. Pesquisou em inúmeros arquivos em busca de fontes manuscritas descontínuas, de difícil localização e manuseio; foi ao exterior várias vezes para participar de eventos; investigou a história das mulheres das elites e também das trabalhadoras pobres; buscou se articular a uma rede de pesquisadores do assunto, produziu inúmeros artigos. Se as oportunidades surgiam, por que não apreendê-las, de forma a tornar a própria carreira um exercício de suas convicções feministas? Estudar essa História, pois, vinha da consciência aguda dos próprios problemas a enfrentar, almejando algo necessário e importantíssimo, a superação – embora lenta – de um quadro de desigualdades jurídicas e práticas. Não se tratava de fazer propaganda do movimento feminista em si, mas sim de fornecer elementos que subsidiassem a reflexão sobre as mulheres do passado e do presente, dando nexos a uma

trajetória de lutas cotidianas. Se muitas das relações de gênero pareciam impossíveis de mudar em curto prazo, por que não crer no sentido das mudanças possíveis?

No momento em que nos tornamos suas orientandas, estava no auge da carreira universitária. Fomos, sempre em dupla, suas monitoras por dois semestres consecutivos na disciplina História do Brasil Colonial I, através do Programa de Aperfeiçoamento de Ensino. Tivemos o prazer de trocar documentos e discutir com ela os textos-aula que montava para prestar seu concurso de titulação para a cadeira de História do Brasil, cuja compilação resultou no livro *Família, Mulheres e Povoamento – São Paulo, século XVII*. Pouco depois, em 2005, publicamos a seis mãos nossos estudos documentais⁶. Não fomos, contudo, exceções entre seus orientandos: muitos colegas nossos realizaram trabalhos em parceria com Eni, que sempre nos incentivou a publicar resultados de pesquisa.

É com imenso prazer que relembramos estes nossos momentos felizes no Departamento de História da Universidade de São Paulo, junto da professora Eni de Mesquita Samara. É com saudade e carinho que homenageamos nossa mestra, que nos abriu tantas portas no universo da pesquisa acadêmica.

¹ 3ª ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008, p. 201

² Homenagem a Eni de Mesquita Samara. *Revista do Departamento de História*, edição nº 166. Disponível em: http://revhistoria.usp.br/index.php?option=com_content&view=article&id=241:rh-166&catid=6:edicoes&Itemid=7&lang=pt

³ SAMARA, Eni de Mesquita. *O papel do agregado na região de Itu, 1780 a 1830*. São Paulo: Fundo de Pesquisas do Museu Paulista, Universidade de São Paulo, 1977

⁴ Sua tese de doutoramento foi publicada como *As mulheres, o poder e a família*. São Paulo, Século XIX. São Paulo: Marco Zero/ Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 1989.

⁵ Editado em 2003 pela EDUSC, Bauru.

⁶ SAMARA, Eni de Mesquita; Dias, Madalena Marques; BIVAR, Vanessa dos Santos Bodstein. *Paleografia e Fontes do Período Colonial Brasileiro*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2005 (Estudos CEDHAL – Nova Série, nº 11)